

# O Patrimônio Cultural da Cidade de Ilhéus à Luz da Literatura de Jorge Amado<sup>1</sup>

Juliana Santos Menezes<sup>2</sup>

## RESUMO

Analisa como as imagens ficcionalizadas pelo escritor Jorge Amado sobre a cidade de Ilhéus, no sul da Bahia, podem ser utilizadas para a compreensão e valorização do patrimônio cultural reunido no Quarteirão Jorge Amado, contribuindo também para a valorização da identidade local e para o desenvolvimento do turismo. Reflete sobre as tendências globais que revelam um crescente interesse em conhecer e compreender a cultura de cidades e povos diferentes. Essa procura impulsiona a preservação do patrimônio cultural com o objetivo de valorizar a imagem da cidade, afirmando a identidade cultural e, ao mesmo tempo, desenvolvendo a economia através do turismo. Investiga o patrimônio material e imaterial, com base na literatura de Jorge Amado, como elemento relevante para a configuração da identidade da Região Sul-Baiana e para a valorização do patrimônio cultural e a identidade local, podendo promover o desenvolvimento do turismo cultural, fazendo, assim, a articulação entre o local e o global.

**Palavras-chave:** patrimônio cultural, mapas culturais, identidade local, literatura e turismo

## 1 Introdução

Diante das atuais circunstâncias em que tendências globais são referências de vida, as pessoas encontram-se num dilema que é viver num mundo cada vez mais padronizado ou afirmar a sua própria identidade, seu vínculo de pertencimento a algum lugar.

A globalização caminha em paralelo com a homogeneização das identidades locais e com o reforçamento destas identidades. Hall (1992) afirma que a globalização explora a diferenciação local, dessa forma, seria preciso pensar numa nova articulação entre “o global” e “o local”. A globalização, nesse sentido, iria produzir novas identificações “locais”.

Nesse contexto, reside a preocupação com a valorização das manifestações culturais e do patrimônio cultural como um bem que representa a alma, a identidade e a tradição de um lugar. Assim, a procura por cultura das cidades tem levado a um crescente interesse em preservar e revitalizar artefatos com valor cultural, com o objetivo de valorizar a sua imagem, afirmando a identidade cultural e, ao mesmo tempo,

---

<sup>1</sup> Trabalho que faz parte dos estudos inseridos na dissertação de Mestrado “Da literatura ao turismo cultural – o caso do Quarteirão Jorge Amado”, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria de Lourdes Netto Simões. Publicado nos Anais do V Seminário da Associação Nacional de Pós-Graduação em Turismo – ANPTUR, realizado em Belo Horizonte em agosto de 2008.

<sup>2</sup> Mestre em Cultura & Turismo, pesquisadora do Grupo Identidade Cultural e Expressões Regionais – ICER, do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz, Professora da Universidade Estadual de Santa Cruz e da Faculdade Madre Thaís. [jumenezes2@hotmail.com](mailto:jumenezes2@hotmail.com)

atrair o turista, ajudando o desenvolvimento econômico. Por isso, muitas cidades têm procurado transformar o seu patrimônio cultural em atração turística.

Nessa perspectiva, a cidade de Ilhéus é estudada, sob o ponto de vista de seu patrimônio cultural e de seu aproveitamento pelo turismo, buscando analisar como agregar valor e significado ao patrimônio cultural dessa cidade, reunido no roteiro turístico-cultural Quarteirão Jorge Amado, de forma a que tanto moradores quanto visitantes tenham uma melhor compreensão e apreciação do lugar, incorporando atitudes para a sua valorização.

O patrimônio cultural (material e imaterial) e o patrimônio natural da cidade estão imortalizados através dos romances amadianos *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus*, *Gabriela*, *Cravo e Canela*, entretanto, toma-se como *corpus* basilar da análise apenas o primeiro deles e a obra *Tocaia Grande: A face obscura*. O romance *Terras do Sem fim*, por apresentar imagens marcantes de referências culturais e identitárias da região Sul da Bahia e, mais especificamente, da cidade de Ilhéus. A opção pela análise do livro *Tocaia Grande*, embora não tenha como ambiência predominante a cidade de Ilhéus, torna-se pertinente, uma vez que faz referência à face obscura, ao outro lado da conquista da terra; tem como foco não os coronéis, mas sim o cotidiano dos sergipanos, alagoanos, negros, árabes, grupos étnicos que representam as minorias, que também contribuíram, no processo de hibridação cultural, para a configuração da identidade da região.

Nesse sentido, procura-se abordar a cidade de Ilhéus e a sua cultura através do conhecimento de seu patrimônio sob a perspectiva do que aqui é chamado de mapas culturais. Desta forma, intenta-se compor um mapa cultural de natureza imaterial com base nos fatos históricos e na análise das imagens da cidade de Ilhéus ficcionalizados por Jorge Amado, com vistas a uma configuração da identidade da região. O Quarteirão Jorge Amado foi estudado com vistas a se produzir um mapa cultural de natureza material à luz da ficção amadiana. Sob o ponto de vista deste mapa, o patrimônio cultural material da cidade é analisado, observando como vem sendo aproveitado para a valorização do turismo cultural de Ilhéus e sugerindo ações para a aplicação de estratégias interpretativas que atribuam o valor de significado (MARTIN, 2001) ao roteiro turístico-cultural Quarteirão Jorge Amado, fazendo com que turistas e comunidade compreendam a história e a formação de sua identidade através do patrimônio material construído e para que se desenvolva um turismo cultural sustentável.

## 2 Patrimônio cultural e mapas da cidade

Os bens patrimoniais são materialidades e práticas culturais que se destacam no tecido urbano e nas manifestações populares por mediar diferentes e memoráveis fatos históricos e personagens ilustres ou por representarem heranças culturais, técnicas e estéticas de tempos passados. Os bens provenientes do passado carregam traços culturais de seu tempo e os interpretam no presente, compondo um espaço em suas múltiplas paisagens (PELLEGRINO, 2003). Esses espaços são ressignificados ou reconfigurados (SIMÕES, 2002), sendo devolvidos à comunidade preservando os seus aspectos históricos e culturais.

Neste mundo globalizado, as formas de percepção das cidades estão diferenciadas abrangendo turistas interessados em conhecer não apenas o espaço físico, mas os espaços como lugares de realizações sociais e culturais, buscando e adotando uma postura reflexiva, metaintelectual ou estética para as experiências culturais divergentes (FEATHERSTONE, 1998). Assim, as cidades podem ser apreendidas sob a perspectiva de diferentes mapas citadinos, não só aqueles que sinalizam aspectos geográficos para orientações turísticas. Os aspectos culturais, como o patrimônio cultural material e imaterial, nesse sentido, também constituem possibilidades de construção de mapas, nesse caso, os mapas culturais. A leitura desses diferentes mapas é uma espécie de leitura das cidades, com sua história, sua cultura e relações sociais. Cada mapa apresenta fragmentos de uma cidade que, quando sobrepostos são capazes de atribuir significados a espaços físicos.

Dessa forma, um turista pode explorar a cidade seguindo o mapa cultural de natureza material que abrange aspectos arquitetônicos, espaços edificados onde estão inscritos os vestígios da história, oferecendo a oportunidade de rememorar ou fazer com que outras gerações conheçam acontecimentos passados.

Os fragmentos do passado explícitos nas edificações, nos espaços, nas ruas são importantes maneiras de conhecimento da história de uma cidade e das suas relações sociais. Esses fragmentos ativam a memória, fazendo com que o passado se mantenha vivo no presente e que se façam projeções para o futuro através das imagens projetadas no imaginário no momento em que se observam seus monumentos.

A cidade é aqui entendida como um espaço cultural privilegiado por apresentar articulações sociais, étnicas e culturais ocorridas no cotidiano e que contribuem para a formação das identidades. Assim, a literatura e outras artes podem retratar

características próprias da cidade recuperadas pela memória ou pelos traços da história encontradas na arquitetura de seus monumentos, fazendo com que os moradores da cidade e os turistas conheçam a sua cultura e a sua história através de suas obras, podendo construir a sua própria imagem sobre ela. Nesse caso, é possível, ao turista, olhar a cidade e detectar a sua cultura, através do mapa cultural de natureza imaterial, que traz diversas informações sobre a história, a cultura e as manifestações culturais de um lugar.

Em se tratando da literatura especificamente, o turista-leitor (SIMÕES, 2002) instigado pelas imagens que passaram a povoar o seu imaginário através da leitura do texto ficcional, pode ser movido a conhecer, na realidade, aquilo que já foi conhecido ficcionalmente. Sobre o assunto, Simões afirma que o leitor-turista, ao interpretar o imaginário ficcional, tem a sua curiosidade aguçada para conhecer a paisagem que inspirou o texto literário. E assim o leitor-turista transforma-se em turista-leitor, quando viaja para conhecer o mapa traçado pelo escritor ao compor o seu texto ficcional. Este seria um mapa do espaço ficcional pelo qual o turista pode seguir para conhecer as cidades, explorando-as através das imagens conhecidas antes, nas páginas do livro.

No caso da ficção amadiana em estudo, pelo mapa cultural de natureza imaterial e pelo mapa cultural de natureza material é relida a cidade de Ilhéus, pensando o patrimônio cultural imaterial e material como cenário do texto ficcional e da cidade, reinterpretada por fragmentos do passado, valiosos pelo que há de significação nele. Estes dois mapas formam o mapa do espaço ficcional da cidade de Ilhéus sinalizado por Jorge Amado, que permite ao turista-leitor conhecer os espaços físicos focalizados nos romances e as realizações culturais e sociais que perpassam por esses espaços, dando-lhes significados. Para a apreensão do passado e da alma de uma cidade, os mapas são sobrepostos e não seguidos separadamente, pois, de acordo com Barthes (1997) é tarefa absurda elaborar as significações da cidade pondo de um lado os lugares, os bairros, as funções, e de outro as significações.

Assim, o passado pode ser conhecido na medida em que os mapas são percorridos, fazendo um percurso em que o passado é somado com as experiências do presente e reinterpretado. A memória se faz importante por sua capacidade de agir sobre o presente, contribuindo para a afirmação da identidade.

Essa busca pela memória se, por um lado, indica uma crise de identidade, por outro, tem incentivado políticas públicas de gestão do patrimônio com o objetivo de sanar essa necessidade de memória e contribuir para o fortalecimento da identidade,

aproximando a comunidade da sua própria história. A valorização e preservação do patrimônio são formas de manifestação de gestões públicas, que podem envolver a restauração, revitalização, reconfiguração ou ressignificação dos bens patrimoniais.

A busca da preservação do patrimônio, dessa maneira, incentiva a restauração e a revitalização de bens patrimoniais para serem utilizados como recursos turísticos. Esta é uma importante forma de preservação da memória e, ao mesmo tempo, de melhorar a economia do lugar, dinamizando o turismo. Entretanto, a restauração e revitalização do patrimônio para o aproveitamento turístico vêm preocupando especialistas e estudiosos da área de cultura, pois “o patrimônio deixa de ser valioso por sua significação na história e passa a ser valioso porque pode ser ‘vendido’ como atrativo turístico” (BARRETTO, 2000, p.32), valorizando apenas o seu aspecto econômico-financeiro.

### **3 O mapa cultural de natureza imaterial**

A literatura, como um elemento que é influenciado pela história, pode traduzir fatos históricos e elementos culturais sinalizadores da identidade de uma região, integrando-os ao imaginário ficcional.

O escritor Jorge Amado é um dos romancistas que, na sua ficção, foca aspectos identitários, culturais e históricos da cidade de Ilhéus, sendo possível a compreensão da história da formação da sociedade ilheense, através da leitura de sua obra.

Tomando como referente suas vivências, os fatos históricos e os “causos” contados pelos mais velhos, Jorge Amado sinaliza um mapa onde são focalizadas a saga do cacau, a luta pela conquista das matas e histórias de mulheres sensuais que aconteceram nestas terras-do-sem-fim. São histórias que enfocam a formação da identidade da Região Sul da Bahia.

É a partir da relação entre o vivido e o imaginado que o escritor sinaliza o mapa cultural da cidade de Ilhéus com fatos, personagens e lugares históricos que dialogam com outras histórias que povoam o seu imaginário, aproximando a sua literatura da realidade.

Escrevendo os seus romances de maneira descritiva e plástica, como se estivesse pintando um quadro com palavras, Jorge Amado dá visibilidade ao seu texto (CALVINO, 1995), fazendo com que o leitor seja levado a ver a cena como se esta se desenrolasse diante de seus olhos.

Além de uma descrição plástica do espaço físico, do patrimônio natural e cultural, Jorge Amado conta, através da construção de perfis humanos, a essência de seu

povo, seus anseios, costumes e hábitos, a vida de um povo que possuía o visgo do cacau grudado nos pés e no coração, sinalizando, assim, a identidade da região que, segundo Simões (1999), é configurada a partir da formação do perfil humano composto pelos coronéis, jagunços, ruralistas com seus costumes, tradições, crendices e superstições.

Ao ocupar-se das características e dos costumes do povo sul baiano, Jorge Amado demonstra a sua preocupação com as questões sociais, o que atribui à sua obra um caráter sociológico e ao mesmo tempo popular. Ao revelar a essência de seu povo, o escritor de Gabriela focaliza aspectos da sociedade e das relações sociais existentes na Região Sul da Bahia. Esta tendência em ficcionalizar aspectos sociais, psicológicos, econômicos e políticos revela um Jorge Amado que valoriza a sua região e, ao mesmo tempo, contribui para a formação da identidade local.

A região ficcionalizada por este escritor faz-se presente nos romances *Terras do Sem Fim*, *São Jorge dos Ilhéus* e *Gabriela, Cravo e Canela*, *Tocaia Grande: A Face Obscura*, dentre outros. Nesses romances, o autor focaliza a cidade de Ilhéus desde a época do desbravamento, conquista e luta pela posse das terras, assim como o seu progresso e crescimento, apogeu e queda dos coronéis, até mesmo, a vida política e econômica. Pode-se dizer que Jorge Amado faz mais do que uma descrição plástica, faz sim uma radiografia da cidade de Ilhéus e de seu entorno, fazendas e matas.

É sobre essa civilização que Jorge Amado se ocupa nos romances em questão e revela aspectos sinalizadores da identidade da região que resultou de um processo de hibridação em que são observadas características físicas e comportamentais do índio-nativo, do negro-africano, do branco-europeu que são somadas aos costumes, hábitos alimentares, língua e maneira de ser de povos de diferentes lugares do Brasil e do mundo que aqui se estabeleceram. Nessa região aportavam povos diversos: árabes, ingleses, alemães, sergipanos que vieram em busca de trabalho e fortuna.

Em busca de trabalho e de fortuna descia do norte, subia do sul para o novo eldorado uma vária e sôfrega humanidade: trabalhadores, criminosos, aventureiros, mulheres da vida, advogados, missionários dispostos a converter gentios. Chegavam também do outro lado do mar: árabes e judeus, italianos, suíços e alemães, não esquecendo os ingleses da Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista -The State of Bahia South Western Railway Company - e do consulado com bandeira da Grã-Bretanha, a fleuma inalterável e a sólida bebedeira. O cônsul inglês deixara família em Londres, contratara em Ilhéus uma índia silenciosa para todo o serviço da casa. Na cama, com sua nudez pequena, ela parecia uma deusa da floresta e talvez o fosse. O Senhor Cônsul fez-lhe um lindo filho, um caboclo de olhos azuis, um gringo cor de chocolate (AMADO, 1986, p. 64).

A culinária desta região também é bastante influenciada por hábitos, costumes e crenças de diferentes etnias. Desta forma, é possível encontrar na literatura amadiana a

referência a hábitos alimentares, comidas e temperos que compõem este cenário cultural. Conforme Simões (2000), a hibridação acentuada na Bahia e, particularmente, na Região Cacaueira contribui de forma peculiar para a sua culinária. Assim, o dendê africano, a mandioca do índio e o azeite do branco português, além do trigo árabe e das raízes e farinha do sergipano são elementos indispensáveis na cozinha regional.

Vários são os exemplos que demonstram esta influência na ficção de Jorge Amado. A própria personagem Gabriela exemplifica esta questão. Gabriela é uma retirante sertaneja que reúne nas suas habilidades culinárias contribuições de negros, sergipanos e turcos.

Ao fazer referência às habilidades culinárias e às preferências gastronômicas de seus personagens, Jorge Amado revela os hábitos culturais e alimentares da região, remetendo a reflexão sobre origens e costumes que passam pela formação da sociedade e da cultura.

Observa-se que um resgate cultural da civilização do cacau é feito pelo escritor no decorrer dos livros aqui estudados. Em meio a história da conquista da terra, este contador de histórias apresenta as manifestações populares próprias da região. Manifestações que evidenciam a diversidade cultural que teve a contribuição da herança dos elementos formadores desta civilização. Exemplos disso são as festas e danças populares que passaram a fazer parte da vida dos personagens dos romances.

Em *Terras do Sem Fim*, por exemplo, o escritor faz referência à Literatura de Cordel, narrativa popular em verso, que, assim como outras manifestações populares, tem influência portuguesa. A epopéia da luta na Mata do Sequeiro Grande é contada pelos cegos, “poetas e cronistas dessas terras. Pela sua voz de esmoler, nas cordas de suas violas, perdura a tradição das histórias do cacau” (AMADO, 1997, p. 231).

*Eu vou contar uma história,  
Uma história de espantar  
[...]  
Fazia pena, dava dó,  
Tanta gente que morria.  
Cabra de Horácio caia  
E caia dos Badaró...  
Rolava os corpos no chão,  
Dava dor no coração  
Ver tanta gente morrer,  
Ver tanta gente matar.  
[...]  
Eu já contei uma história,  
Uma história de espantar.  
(AMADO, 1997, p. 232-235 passim)*

Nessa perspectiva, estudar as representações da cidade de Ilhéus no texto ficcional construído por Jorge Amado é como ler textos que, segundo Gomes (1999), lêem a cidade, considerando a paisagem urbana, os costumes, os tipos humanos e a cartografia simbólica, em que se cruzam o imaginário, a história, a memória da cidade e a cidade da memória.

Assim, a presença desses aspectos colhidos da realidade observada e vivida na literatura amadiana acaba por marcar a identidade local e se configuram como o patrimônio cultural imaterial da região.

Nos romances, Jorge Amado foca imagens de sua terra em momentos distintos, que vão da conquista sangrenta das matas ao progresso que instaura a esperança de um novo tempo. Alimentando, assim, a sua ficção com a história, retratando as imagens dos coronéis do cacau à frente dos migrantes-alugados partindo para derrubar a mata e plantar a lavoura nova, numa violenta e bela saga de machos, a conquista da terra. Imagens de homens que construíram um país e uma cultura, o sangue deles floresce em campos e cidades, em escolas e academias, floresce também em livros, em poemas, em contos, em romances. Dessa epopéia da conquista da terra surgiu a civilização do cacau, com suas características, sua marca inconfundível e sua própria verdade (ADONIAS FILHO & AMADO, 1965). Dessa epopéia da conquista da terra surgiram valores, costumes, hábitos, crenças e manifestações culturais que se constituem como o patrimônio cultural imaterial da região.

O mapa cultural de natureza imaterial aqui traçado com base nos elementos culturais evidenciados pela hibridação identificada nos hábitos alimentares, nos costumes e nas manifestações populares são sinalizações para que o leitor, tornando-se turista, possa percorrê-lo atribuindo significado aos espaços físicos, que também são focalizados na ficção de Jorge Amado.

Entretanto, tais elementos culturais são pouco aproveitados no Quarteirão. As imagens das manifestações populares da cidade citadas por Jorge Amado, por exemplo, poderiam ser utilizadas como atrativos turísticos e com isso ajudariam a incrementar o turismo cultural e resgatar manifestações que estão, de certa forma, esquecidas no tempo.

Neste mundo globalizado em que as diferenças e as culturas locais são valorizadas, o potencial cultural pode ser aproveitado para atrair o turista interessado na cultura. Assim, o Quarteirão Jorge Amado deve ser formatado de forma que se

configure como um recurso do turismo cultural sustentável em que a população e os turistas são levados a conhecer a história, apreciar o seu patrimônio e valorizar a cultura.

#### **4 O mapa cultural de natureza material**

A ficção de Jorge Amado é povoada de fatos históricos e personagens inspirados em pessoas que viveram na cidade de Ilhéus e que fazem a trama e habitam, trabalham, passeiam em espaços “reais”. É nessa perspectiva que a literatura é alimentada pela história. Ao apresentar esses espaços como cenário de seus romances, este escritor imortaliza esses lugares, levando-os para o mundo inteiro. Ao mesmo tempo, atribui à sua obra maior visibilidade, o que faz com que os leitores “vejam” a cena e desejem conhecer os lugares que serviram de ambiência para os romances. Neste caso, o leitor “vê com os olhos da imaginação o lugar físico onde se encontra aquilo que deseja contemplar” (CALVINO, 1998, p. 100).

Nos romances, o escritor sinaliza o mapa cultural de natureza material de Ilhéus ao fazer referências a bairros, ruas, praças, casas e igrejas da cidade que serviram de cenário para o desenrolar de tais acontecimentos. Lugares como o Bar Vesúvio, a Igreja Matriz de São Jorge, a Catedral de São Sebastião, o Bataclan e o Antigo Porto saltam da realidade das ruas para as páginas do livro.

Num processo inverso em que a história é alimentada pela literatura, esses espaços focados na ficção de Jorge Amado foram, gradualmente, adquirindo importância cultural e histórica no decorrer do tempo e à medida que a obra amadiana foi reeditada em vários idiomas, de forma que passou a ser lida por pessoas do mundo inteiro. Assim, foram ganhando importância porque fazem parte da memória da cidade, sendo testemunho dos tempos áureos do cacau, quando os coronéis construíram imponentes palacetes que refletem, até hoje, todo o poder e ostentação da época. Tempos que foram preponderantes na formação da cidade de Ilhéus e na configuração da identidade da região.

Desta maneira, esses espaços transformaram-se em patrimônio cultural na proporção em que começaram a lhes atribuir um valor. Essa atribuição de valor, segundo Martin (2001), não está centrada somente na antigüidade ou beleza, está centrada principalmente naquilo que representa no presente e que pode representar no futuro. Este valor está diretamente relacionado com a capacidade de informar sobre aspectos históricos, culturais, econômicos e sociais de uma época.

A respeito dos valores, Garreta (1999) afirma que é uma qualidade atribuída pelas pessoas e que pode modificar a depender da percepção e do comportamento

humanos. Depende, portanto, de referências intelectuais, históricas, culturais e psicológicas que variam com as pessoas e os grupos que atribuem valor. O que quer dizer que os valores mudam no decorrer do tempo e a depender de cada pessoa.

Aos bens simbólicos podem ser atribuídos o valor de uso, que diz respeito à utilidade que esse patrimônio tem para a sociedade, como a sua utilização pelo turismo que satisfaz uma necessidade material, de conhecimento ou um desejo; o valor formal, por apresentar qualidades no sentido da forma que atraem e despertam os sentidos, proporcionando prazer; ou o valor de significado, por transmitir para as gerações vindouras as idéias, as tradições, os costumes e a identidade de uma comunidade. Esse valor atribui ao patrimônio o poder de participar, ao mesmo tempo, do passado, do presente e do futuro.

Os espaços citados por Jorge Amado, tornados patrimônio cultural, adquiriram o valor de consumo, na medida em que o leitor-turista, instigado pelas imagens dos romances, deseja conhecer ao vivo aquilo que foi descrito na ficção, transformando-se em turista-leitor, quando viaja para conhecer esses lugares.

O valor de consumo, conforme Martin (2001), se dá a depender do quanto útil, artístico, significativo e original o patrimônio é. Neste caso, o patrimônio pode passar a ser visto como recurso turístico porque é foco de interesse do visitante e porque pode gerar emprego e renda para a cidade.

Entretanto, uma das principais críticas em relação ao uso do patrimônio cultural como recurso turístico está voltada para a questão da ênfase no valor de consumo do patrimônio em detrimento de seu valor de significado. De acordo com especialistas, a ênfase no valor de consumo, acaba provocando a banalização da cultura, pois o patrimônio passa a ser importante porque pode ser “vendido” como produto turístico e não por sua significação na história.

Por outro lado, utilizar o patrimônio cultural como recurso turístico é uma boa estratégia de valorização da cultura local, ajudando na dinamização do turismo e da economia.

Desta maneira, as imagens arquitetônicas da cidade de Ilhéus citadas por Jorge Amado, assim transformadas em patrimônio cultural material, podem ser uma eficiente estratégia de valorização da cultura, uma vez que, medidas estão sendo traçadas no sentido de incentivar a preservação e a revitalização do patrimônio e no sentido de se criar um roteiro turístico-cultural baseado na ficção do escritor de *Gabriela, Cravo e Canela*, denominado Quarteirão Jorge Amado.

Com este tipo de atividade, o que antes saiu do real para povoar os romances amadianos, agora percorre um caminho inverso. Os personagens, os casarões, as igrejas saltam dos romances para a realidade das ruas e o turista não só os identifica e faz relação com os livros, como também procura conhecer a história dos lugares, da cidade e a maneira de ser e pensar de seus habitantes. Isso pode contribuir para a valorização e afirmação da identidade cultural da região e satisfaz o desejo do turista.

## **5. Considerações finais**

Em tempos de crescente globalização, a proteção, preservação, interpretação e promoção do patrimônio cultural de diferentes regiões têm sido pontos fundamentais para a valorização das culturas locais, contribuindo também para o desenvolvimento sustentável.

Nessa perspectiva, o turismo cultural funciona como um elo entre turismo e preservação, capaz de promover a restauração, a revitalização, a ressignificação e a reconfiguração do patrimônio que, se bem interpretado, cria oportunidades de aprendizado para turistas e moradores, os quais passam a conhecer os valores, os costumes, a história e a identidade através do patrimônio. Isto promove a comunidade e desenvolve a cidadania cultural.

Do ponto de vista econômico, este tipo de turismo tem beneficiado regiões com o aumento do fluxo de turistas, que incrementa a captação de recursos, gerando mais empregos e renda para a comunidade e, em conseqüência, atraindo outras alternativas de desenvolvimento econômico.

Assim, cidades que possuem bens ligados a algum aspecto da cultura têm promovido a recuperação e preservação desse patrimônio cultural, transformando-o em grande motivo para atrair os turistas.

A literatura, sendo um elemento cultural que influencia e é influenciado pela história, também se constitui como motivo para atrair o turista a uma localidade que foi ficcionalizada. Ilhéus, por exemplo, em virtude da maneira particular com que Jorge Amado levou para a sua obra literária fatos históricos, hábitos, costumes, o cotidiano e a identidade de sua cidade, tornou-se famosa mundialmente, atraindo leitores-turistas interessados em conhecer a ambiência ficcionalizada nos romances. Ilhéus, hoje, configura-se como uma localidade que dispõe de potencialidades, em sua maioria ligadas à saga do cacau, para o desenvolvimento de um turismo cultural.

A trajetória dos romances aqui estudados focaliza a saga do cacau, atesta a riqueza vivida pelos coronéis da época, que tudo faziam em nome do poder e do

dinheiro, construindo uma riqueza que emergia das entranhas da terra adubada com sangue e ódio: o cacau. Por outro lado, focaliza os jagunços-alugados, migrantes nordestinos, representando as minorias, que vieram para Ilhéus na ilusão de conseguir trabalho e dinheiro fácil, assim como os estrangeiros: árabes, italianos, ingleses, alemães. Esses grupos étnicos passaram por um processo de hibridação cultural, influenciando os hábitos alimentares, costumes, manifestações culturais e configurando a identidade da região. São esses elementos que compõem o mapa cultural de natureza imaterial traçado neste trabalho.

O estudo da cidade de Ilhéus através das descrições amadianas demonstrou a grande influência da literatura na valorização da cidade como centro turístico, o que implica a necessidade de projetos que visem a preservação do patrimônio cultural, como é o caso do projeto Quarteirão Jorge Amado. Do mapeamento realizado, a pesquisa identificou praças, ruas, igrejas, casarões referidos no desenvolvimento da trama dos romances. Assim, o Bar Vesúvio, o Bataclan, a Catedral, o Teatro e os monumentos, que fazem parte do Quarteirão, foram sinalizados no trabalho compondo um mapa cultural de natureza material.

Esses espaços estão sendo reconfigurados ou restaurados, buscando a valorização da cultura e do turismo. Porém, se não se pensa em programas que visem a informação da história de maneira criativa e viva, o patrimônio só estará sendo valorizado sob o ponto de vista estético e de consumo, sendo desconsiderado o valor de significado que transmite as tradições e a identidade de uma comunidade para as gerações mais novas. A sua importância histórica fica, então, esquecida. Os bens patrimoniais construídos poderiam ser valorizados culturalmente através de interpretações ao vivo, que aconteceriam durante o percurso dos turistas pelo Quarteirão. Essas interpretações poderiam focalizar as manifestações culturais e os hábitos alimentares, valorizando também os bens imateriais.

### **Referências bibliográficas**

- ADONIAS FILHO & AMADO, Jorge. **A Nação Grapiúna**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- AMADO, Jorge. **Terras do Sem Fim**. 62 ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- \_\_\_\_\_. **Tocaia Grande: a face obscura**. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural: as possibilidades do planejamento**. 2 ed. São Paulo: Papirus, 2000. Coleção Turismo.
- BARTHES, Roland. **A aventura semiológica**. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1997.

- CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio** - Lições americanas. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Trad. Attílio Brunetta. Petrópolis: Vozes, 1998.
- GARRETA, Mariano Juan. Cultura. In: **La Trama Cultural**. Buenos Aires: Ediciones Caligraf, 1999.
- GOMES, Renato Cordeiro. Cidade, a literatura e os estudos culturais: do tema ao problema. In: **Ipotese: revista de estudos literários**. Juiz de Fora. V.3, n.2, 1999, p. 19-30.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 3 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- MARTIN, Marcelo. Sobre el necesario vínculo entre el patrimonio y la sociedad V. In: **Ciudad Virtual de Antropología Y Arqueología**, Ciberspacio, 2001. Disponível em <http://www.naya.org.ar>. Acesso 01 de novembro de 2001.
- PELLEGRINO, Carlos Tranquilli. Patrimônio Cultural Urbano: de quem: Para Quê? In: **3º Congreso Virtual de Antropología y Arqueología**, Ciberspacio, 2002. Disponível em <http://www.naya.org.ar>. Acesso 27 de março de 2003.
- SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. De Leitor a turista na Ilhéus de Jorge Amado. In: **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro: Abralic, 2002.
- \_\_\_\_\_. Identidade Cultural e Turismo Local - Da Gabriela de Jorge Amado, ao cravo e à canela de Paloma Amado Costa. In: **VII Congresso Abralic**, Salvador, 2000.
- \_\_\_\_\_. A ficção da região cacauceira baiana: questão identitária. **Águas do Almada**. Itabuna, nº 1, agosto/1999. Cultural.